Tratamento Homeopático Como Auxílio no Transtorno do Espectro Autista: Lei dos Semelhantes

Autor(res)

Francis Fregonesi Brinholi
Fabio Yoshikazu Umebara

Categoria do Trabalho

TCC

Instituição

UNOPAR / ANHANGUERA - PIZA

Introdução

O tratamento homeopático alternativo ou complementar ao tratamento alopático, compreende diversas práticas médicas e de saúde que não são consideradas parte dos sistemas convencionais de saúde, a medicina complementar é tipicamente definida como práticas não tradicionais que são usadas em conjunto com a medicina convencional, enquanto a medicina alternativa é usada no lugar da medicina convencional (Silva, 2023). Os benefícios do tratamento homeopático no TEA, seguindo os princípios da homeopatia, dentre eles a, “Lei dos Semelhantes” pôde afirmar que, uma substância capaz de causar sintomas em uma pessoa saudável, pode ser usada para tratar esses mesmos sintomas em uma pessoa doente (Souza, 2021). O tratamento farmacológico alopático é inespecífico e depende da gravidade da doença e idade do paciente, abrange um alívio parcial dos sintomas ou apenas controlam os sintomas concomitantes da doença, porém, a um custo de várias reações adversas causadas pelo uso dos medicamentos alopáticos, os benefícios da homeopatia no tratamento alternativo ou complementar do TEA, frente ao tratamento alopático visa tratar de forma individualizada e personalizada, de acordo com a necessidade e diversidade dos sintomas, permitindo uma integração favorável (Braga et al., 2023).
Conhecido que, o TEA é uma condição neurológica e psiquiátrica multifatorial de etiologia desconhecida, atinge crianças e adultos, os primeiros sinais podem ser notados nos primeiros meses de vida, na tentativa de reabilitar o paciente, englobando uma equipe multiprofissional de médicos, psicólogos, fisioterapeutas, nutricionistas, farmacêuticos, dependendo da necessidade do paciente (Braga et al., 2023). O princípio utilizado no tratamento homeopático é fundamentado em quatro pilares: princípio de cura pelos semelhantes, experimentação das substâncias medicinais em indivíduos sadios, medicamento dinamizado (ultra diluídos) e medicamento individualizado, tendo os dois primeiros pilares como alicerce da homeopatia, com enfoque nos sintomas nucleares da enfermidade e seus efeitos colaterais, caracterizando o paciente em sua totalidade (Teixeira, 2021).
O princípio da homeopatia “Lei dos Semelhantes” ao ser abordado no tratamento do TEA, tratou-se de uma medida terapêutica mais branda, com poucas ou nenhuma reação adversa, mediante o tratamento farmacológico alopático, com melhor estimulo do paciente do TEA, promovendo seu desenvolvimento a fim de ter ganhos duradouros em sua vida (Souza, 2021).

Objetivo

O Ministério da Saúde em 2021 avaliou que no Brasil houve 9,6 milhões de atendimentos ambulatorial a pessoas

com autismo, sendo 4,1 milhões ao público infantil, dentre os tratamentos oferecidos o psicofarmacológico, para o paciente de TEA ter melhor qualidade de vida e integração a sociedade, como a homeopatia pode auxiliar no tratamento do TEA pelo princípio da “Lei dos Semelhantes” (BRASIL, 2022).

Material e Métodos

Trata-se de uma revisão bibliográfica qualitativa e descritiva; de trabalhos publicados nos últimos cinco anos; artigos em português e inglês e exclusão de artigos de revisão, primeiras impressões e resumos; locais de busca foram bases de dados do Ministério da Saúde, Medline, PubMed, Scielo, Scirus, Science Direct e capítulos de livro; os descritores utilizados para fazer a busca foram, autismo, tratamento TEA, homeopatia, tratamento homeopático.

Resultados e Discussão

O TEA trata-se de um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades generalizadas de interação e comunicação que são acompanhadas por comportamentos e interesses incomumente restritos e repetitivos desde a primeira infância, descrito pela primeira vez pelo psiquiatra Suíço Eugen Bleuler em 1911, mas que ganhou maior notoriedade em 1943 com o psiquiatra Leo Kanner, em seu artigo “Distúrbios autísticos de contato afetivo” que, estabeleceu o autismo como um distúrbio único, e não mais como apenas um sintoma da esquizofrenia, somente em 1980 que o autismo foi enquadrado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e atualmente classificado como Transtorno do Espectro Autista (TEA) (Braga et al., 2023).

Kanner caracterizou a síndrome como uma incapacidade inata e descreve como sintomas os traços obsessivos, a estereotipia e a ecolalia, apresentando também hiperatividade, acessos de raiva, distúrbios gástricos, respiratórios, imunológicos e até neurológicos. Esta caracterização do autismo, nos dias atuais, serve como referência para as definições encontradas nos atuais manuais diagnósticos (Almeida; Neves, 2020).

Este grupo de condições foram definidas como transtornos invasivos do desenvolvimento (TIDs), geralmente referidas como transtornos do “espectro do autismo”, tem característica comum um comprometimento global nas várias áreas do funcionamento como, a interação social, a comunicação e a presença de comportamentos repetitivos e interesses restritos. Esses déficits podem ser notados nos primeiros meses de vida e desenvolvem com relação à idade mental do indivíduo e, geralmente, tornam-se evidentes no terceiro ano de vida, normalmente acompanhados por algum grau de retardo mental (Nikolov; Jonker; Scahill, 2006, p. 40).

Os tipos de TIDs definidos pelo DSM-IV da American Psychiatric Association incluem, transtorno autista, transtorno de Rett, transtorno desintegrativo da infância, transtorno de Asperger e TID - Sem Outra Especificação (TID-SOE). No CID-10 inclui outras duas categorias, Autismo Atípico e Transtorno Hiperativo Associado com Retardo Mental e Movimentos Estereotipados (Nikolov; Jonker; Scahill, 2006, p. 40).

Atualmente o DSM-V da American Psychiatric Association e a CID-11, classificam o autismo como parte de um espectro ou categoria, com variabilidade em níveis de gravidade. Nomeado por ambos como Transtorno do Espectro Autista (TEA). A CID-11 classifica a gravidade de acordo com a disfunção intelectual e a linguagem funcional (Silva; Rosa; Col, 2022, p. 07).

A etiologia do TEA ainda não são conhecidas, no entanto sabe-se que pode estar relacionado com irregularidades em varias áreas do encéfalo, existem várias hipóteses que envolvem fatores ambientais, genéticos “hereditário”, acometimento por vírus, exposição a substâncias químicas e complicações obstétrica “uso de medicamentos durante a gestação” (Silva; Rosa; Col, 2022).

O diagnóstico do TEA é essencialmente clínico, devido à complexidade, gravidade e sobreposição dos sintomas

do TEA com outros transtornos psiquiátricos, é importante o uso de instrumentos e escalas apropriadas para diagnosticar corretamente o TEA, observação direta do paciente, entrevista com o paciente, entrevista com os pais e cuidadores e avaliações clínicas detalhadas que abrangem o histórico familiar de TEA ou outros transtornos do desenvolvimento neurológico (Braga et al., 2023).

Os tratamentos farmacológicos quando incluso psicoestimulantes, antipsicóticos atípicos, antidepressivos e agonistas dos receptores alfa-2, fornecem alívio sintomático parcial dos principais sintomas do TEA ou controlam os sintomas de condições concomitantes, como hiperatividade, ansiedade, agressividade ou insônia, são frequentemente tratados com terapias convencionais, incluindo agentes psicofarmacológicos, e terapias CAM (Silva, 2023).

Incapacitando gravemente o funcionamento do paciente, no tratamento psicossocial e educacional, com o objetivo de maximizar a linguagem, habilidades sociais e comunicativas, acabando com os comportamentos mal-adaptativos, não houve tratamentos definitivos estabelecidos, mas há uma superabundância de tratamentos com apoio limitado, empírico ou “tratamentos alternativos”, sem qualquer evidência científica (Nikolov; Jonker; Scahill, 2006).

A homeopatia é uma especialidade da medicina baseada na lei Similia Similibus Curentur, que significa “curar pelos semelhantes”, ou seja, a substância que é capaz de provocar determinados sintomas em uma pessoa sadia pode curar sintomas semelhantes em uma pessoa doente. (Souza, 2021).

O pai da homeopatia Christian Frederich Samuel Hahnemann (1755 - 1843), médico Alemão que traduzia livros de medicina para complementar sua renda, visto que, não tinha uma condição favorável financeiramente, durante a tradução do livro “Matéria Médica” de William Cullen (1710 - 1790), ficou intrigado com as explicações dadas para os efeitos terapêuticos da quina. Utilizando-a em si mesmo, observou manifestações bastante semelhantes ás apresentadas por pacientes com malária. Chegando a conclusão, que a quina era utilizada no tratamento de malária por produzir sintomas semelhantes em pessoas saudáveis, animado com sua descoberta, experimentou beladona, digital, mercúrio e outros compostos, obtendo resultados similares (Corrêa; Siqueira-Batista; Quintas, 1997).

Hahnemann em seus experimentos seguindo a filosofia hipocrática (Similia similibus curentur), idealizou uma nova forma de tratamento, embasada na cura pelos semelhantes. Seguindo a filosofia homeopática vitalista, a energia “força vital”, quando em equilíbrio não ocorre a doença e o desequilíbrio da força vital a doença se estabelece (Corrêa; Siqueira-Batista; Quintas, 1997).

A pesquisa de Hahnemann “lei dos semelhantes”, trouxe em 1796 a publicação do “Ensaio sobre um novo princípio para averiguar os poderes curativos das substâncias medicinais”, no qual fazia um apanhado sobre seus experimentos e relatava alguns fatos observados anteriormente por outros autores. Nesse mesmo ano, retornou à profissão médica, tratando seus pacientes pela aplicação de suas novas idéias. O ano de 1796 ficou conhecido como marco inicial da homeopatia, criando os fundamentos da medicina homeopática, que divergem dos conceitos terapêuticos alopáticos da medicina tradicional (Corrêa; Siqueira-Batista; Quintas, 1997).

O método utilizado no tratamento homeopático é embasado em quatro pilares: princípio de cura pelos semelhantes, experimentação das substâncias medicinais em indivíduos sadios, medicamento dinamizado (ultra diluídos) e medicamento individualizado. Embora as ultradiluições tenha grande importância no intuito de evitar agravações sintomáticas e o medicamento individualizado ser a condição indispensável para que a reação terapêutica aconteça, os dois primeiros pilares são o alicerce da homeopatia (Teixeira, 2021).

Destaca-se que o tratamento homeopático é bastante amplo, sendo utilizada para diminuir os sintomas gerado pela terapia alopática que deteriora a qualidade e funcionalidade do paciente do TEA. Devido a grande diversidade de sintomas, intensidade e problemas médicos coexistentes que dificultam a abordagem terapêutica (Souza,

2021).

Conclusão

Para o diagnóstico do TEA é de grande importância que sejam identificados os sinais de alerta e proceda o encaminhamento para uma intervenção precoce, sua conduta irá depender da gravidade do transtorno e da idade da criança, envolvendo um tratamento multidisciplinar, dependendo da necessidade apresentada pelo paciente, buscando sempre um tratamento precoce.

O farmacêutico contribui significativamente no manejo do tratamento do TEA e no desenho do perfil farmacoterapêutico, fornecendo esclarecimentos básicos à família da criança autista responsável pela administração dos medicamentos quando necessário, evitando possíveis erros de administração e interações medicamentosas, que é selecionada dependendo da condição individual do paciente, não havendo critérios de testes objetivos ou biológicos para avaliar a eficácia da terapia medicamentosa nos pacientes com TEA.

A homeopatia como prática alternativa ou complementar, combinados ou não a tratamentos convencionais, parece se mostrar uma possibilidade terapêutica promissora, evitando os efeitos adversos causados pelas medicações alopáticas empregadas nos pacientes do TEA, melhorando seu desenvolvimento e a qualidade de vida.

Referências

ALMEIDA, Maíra Lopes; NEVES, Anamaria Silva. A Popularização Diagnóstica do Autismo: Uma Falsa Epidemia?. 2020. Psicologia: Ciência e Profissão v. 40, e180896, 1-12, 2020. DOI 10.1590/1982-3703003180896. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/WY8Zj3BbWsqJCz6GvqGFbCR/?lang=pt#. Acesso em: 22 Ago. 2024.

BRAGA, Lara Cardoso Dias; SILVA, Sofia de Souza Faria e; CARMO, Paôla Andrade do; LACERDA, Gabriela Nunes; CRUZ, Cristiane Sarmento. Desafios no diagnóstico do Transtorno do Espectro do Autismo na infância. [S. l.]: Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, v. 12, n. 14, p. e67121444417, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i14.44417. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/44417. Acesso em: 03 Set. 2024.

Brasil. Ministério da Saúde. Saúde e Vigilância Sanitária. TEA: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares. 2022. Brasília, 2022.

Brasil. Secretaria da saúde. Transtorno do Espectro Autista (TEA). 2021. Paraná, 2021.

CORRÊA, A. D.; SIQUEIRA-BATISTA, R.; QUINTAS, L. E. M.. Similia Similibus Curentur: notação histórica da medicina homeopática. [S. l.]: Revista da Associação Médica Brasileira, v. 43, n. 4, p. 347–351, 1997. DOI 10.1590/S0104-42301997000400013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ramb/a/GhtnYy3bScPkDzMKn6dh4xF/. Acesso em: 02 Ago. 2024.

MARTINS, Loriza Brandão dos Reis. Autismo: uma abordagem Homeopática. 2018. Monografia – ALPHA / APH, Curso de Pós- Graduação em Homeopatia, São Paulo, s.n, 57 p., 2018. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/homeoindex/2018/hom-12088/hom-12088-208.pdf. Acesso em: 22 Abr. 2025.

NIKOLOV, Roumen; JONKER, Jacob; SCAHILL, Lawrence. Autismo: tratamentos psicofarmacológicos e áreas de interesse para desenvolvimentos futuros. Brazilian Journal of Psychiatry, v. 28, p. s39–s46, maio 2006. DOI 10.1590/S1516-44462006000500006. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/rbp/a/mQqCJBBZj3kmG7cZy85dB7s/?lang=pt. Acesso em: 22 Set. 2024.

RIBEIRO, Tatiane Cristina. Epidemiologia do transtorno do espectro do autismo: rastreamento e prevalência na população. 2022. Tese (Doutorado em Psiquiatria) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. DOI 10.11606/T.5.2022.tde-22092022-170809. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-22092022-170809/pt-br.php. Acesso em: 03 Set. 2024.

SILVA, Lisa Gabrielle Patrício Da; ROSA, Rubens Gabriel Martins; COL, Mayse Pereira Dal. Espectro autista na infância: dificuldades no processo de educação e interação social. [S. l.]: Revista Científica do Tocantins, v. 2, n. 1, p. 1–13, 2022. Disponível em: https://itpacporto.emnuvens.com.br/revista/article/view/65. Acesso em: 07 Ago. 2024.

SILVA, Maria Crisllane Duarte da. A importância da atenção farmacêutica nos cuidados a pacientes portadores do transtorno do espectro autista (TEA). Revistaft, 27(122), 18, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.7982918. Disponível em: https://zenodo.org/records/7982918. Acesso em: 01 Ago. 2024.

SOUZA, Tamiris Angeli Jacinto. O tratamento homeopático em pacientes com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão sistemática. 2021. Trabalho de conclusão de curso - Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador-BA, 2021. Disponível em: http://www.repositorio.bahiana.edu.br/jspui/bitstream/bahiana/8435/1/Tamiris%20Angeli%20Jacinto%20Souza%20-%20O%20tratamento%20homeop%c3%a1tico%20em%20pacientes%20com%20transtorno%20do%20espectro%20autista%20%28tea%29%20uma%20revis%c3%a3o%20sistem%c3%a1tica%20-%202021.pdf. Acesso em: 01 Ago 2024.

TEIXEIRA, Marcus Zulian. Novos medicamentos homeopáticos: uso dos fármacos modernos segundo o princípio da similitude. São Paulo: Edição do autor, 2021.

Zamblute, Cristiano Duarte; Oliveira, Cecília; Melo, Isabela Alves de; Onishi, Yuri Banov . Sinais do Transtorno do Espectro Autista na Infância. In: Anais do XIV Congresso Fluminense de Iniciação Científica e Tecnológica / VII Congresso Fluminense de Pós-Graduação, 2022, Campos dos Goytacazes. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2022. Disponível em: https://proceedings.science/confict-conpg/confict-conpg-2022/trabalhos/sinais-do-transtorno-do-espectro-autista-na-infancia?lang=pt-br. Acesso em: 03 Set. 2024.